

A edição do Plano Cruzado, há pouco menos de um ano, enfunou o velame da esperança pátria, sacudindo o país de ponta a ponta. Reproduziu-se na ocasião, reeditado em escala nacional, o milagre das grandes chuvas que, no Nordeste, da noite para o dia, transformam as extensões calcinadas pela seca em tapetes de relva, fartura — e sonho. Na véspera do decreto, a quase totalidade da nação, de língua para fora e costelas à mostra, penava sob a soalheira de uma inflação homicida, cujos índices e projeções, muito acima das mais altas nuvens, indicavam tempestade certa, rasgada pelos lívidos clarões das baionetas militares.

O Governo, de um só golpe, acertou em cheio — e no pleno. As águas de março, generosas e céleres, reinventaram a primavera. Saiu-se da inflação para o congelamento dos preços. As listas da Sunab, com seu exame de cifras, foram desfraldadas como bandeiras de combate por legiões e legiões de donas-de-casa, ostentando no peito o título plastificado de fiscais do Sarney. O povo, afinal, sentia-se convocado e valorizado em matéria que, intimamente, lhe dizia respeito. Os preços, para a imensa maioria, não constituem dados matemáticos, a serem integrados em equações econométricas. Eles decidem — e definem — a sorte da mesa, da saúde, da moradia, da vida. Por isto, o congelamento foi saudado com uma alegria unânime, e a voz deste júbilo geral acabou por transformar-se numa irresistível torrente de otimismo.

Em artigo escrito na época, lembrei-me da teoria do psiquiatra italiano Cerletti, inventor do eletrochoque, para explicar os efeitos benéficos da convulsoterapia por ele criada. Segundo o alienista, a descarga elétrica no cérebro do deprimido desencadeia em seu organismo uma situação-limite, agônica, da qual este busca sair pela fabricação de substâncias revigorantes, as *acroagôninas*, resposta criadora — e redentora — ao sufoco a que é submetido. No caso brasileiro — dizia eu — a depressão inflacionária, à beira do desastre, havia encontrado sua terapêutica de choque. O país, em peso, depois do convulsivo pacote de medidas econômicas produzido pelo Governo, secretava por todos os poros — ou glândulas — as *acroagôninas* cívicas de que necessitávamos. A depressão cava seguia-se a euforia, o bem-estar, a certeza de que o beco em que nos havíamos metido tinha saída.

Essa foi a linha mestra segundo a qual, degrau por degrau, se erigiu a popularidade do Governo. O presidente Sarney, aos poucos, foi transformado pela fantasia popular num bigodudo Rodolfo Valentino, ou num Robin Hood caboclo, capaz de atear fogo aos corações brasileiros, femininos — ou masculinos. Semelhante — e saudável — bissexualidade cívica acabou por conferir-lhe o mais alto grau de apoio popular jamais visto na história republicana. O Presidente singrava com segurança as águas tépidas da consagração geral, rumo ao porto seguro da vitória nas urnas, a 15 de novembro passado. A vitória veio — e veio como uma força da natureza —, irresistível e inofensível, dobrando com o ímpeto do seu sopro toda e qualquer dúvida a respeito da unidade construída, entre governo e povo. Ambos se entendiam, numa efusão que os votos vieram a confirmar e quem não soube entender que ambos se entendessem, acima de minudências e turbulências menores, desentendeu do momento político e — candidato ou não — recebeu no peito o coice duro e seco da derrota.

□

O Plano Cruzado II, editado por decreto-lei logo após as eleições, representou um ato incomparável de insensatez política do Governo e, *pour cause*, do presidente José Sarney. É como se um consumado pirotécnico depois de deslumbra as multidões com o espetáculo multicolorido dos rojões e foguetes de lágrimas, tocasse fogo, de repente, no paiol de pólvora, e explodisse com ele. Há, no episódio, um toque de gênio — às avessas. Ele prova, mais uma vez,

que a alma humana, de presidentes e intendentes, políticos e literatos, aristocratas e plebeus, continua a ser o mistério insondável de que fala o lugar-comum.

É preciso, contudo, não exagerar: na decretação do Cruzado II, que descongelou o congelamento e assinou, por isto mesmo, o atestado de óbito de seu antecessor, o Cruzado I, não há apenas lugar para o clarão da irracionalidade imprevisível — e incontrolável. Os curtos-circuitos costumam ocorrer, com mais frequência, nos aparelhos velhos e carcomidos. Esta verdade se aplica aos eletrodos mésticos e ao bestunio dos políticos, inclusive da Nova República. Acontece que o uso do cachimbo — e, por extensão, do bigode — faz a boca torta. Não se convive, íntima e solidariamente, com uma ditadura militar, cruel e cruenta, sem que daí resultem seqüelas. As ditaduras militares, ao desprezar o povo, deformam e corrompem os hábitos políticos daqueles que as servem. “O povo não esquece: Sarney é PDS.”

A propósito da grosseria com que o Governo usou eleitoralmente a confiança que havia despertado em milhões de crédulos, para traí-la sem escrúpulos logo depois do pleito, me vem à memória a novela de Maupassant, *Bola de Sebo*. O título corresponde à alcunha da personagem principal, uma prostituta gorducha e garrula, em viagem ferroviária por território francês ocupado pelas tropas prussianas vitoriosas. Havia no vagão um bando de frades, freiras e aristocratas, cuja virtude acendrada os levava a torcer o nariz para a doce — e gentil — companhia de viagem. Com o passar do tempo — e era tempo de guerra e de escassez — baixou sobre o grupo uma fome crescente e pungente, para a qual não havia remédio. Somente Bola de Sebo, com a providência dos que fazem a vida, levava consigo matalotagem adequada, de pão, queijo, frutas e vinho. Ao servir-se, apesar do desprezo que a cercava, não conseguiu deixar de convidar a rédua de tartufos e fariseus que salivavam ao seu redor.

É claro que os famintos cônegos, viscondes e madres, depois de fazer cerimônia frouxa, devoraram as provisões de Bola de Sebo, a ponto de não lhe sobrar nada. Os viajantes, seguindo caminho, tiveram que pernoitar numa pequena estalagem, onde reinava um oficial prussiano, de olhos azuis e borzequins lustrosos. O capitão, depois de algumas copas de vinho, descobriu os encantos de Bola de Sebo e, lançou-lhe olhares de conquistador — inclusive no sentido militar —, propôs-lhe uma noite de prazer. Nossa prostituta era francesa — e patriota. Repeliu com indignação o inimigo germânico. Este, do alto de suas dragonas, não se deu por achado. Prendeu todo o bando e requisitou o trem-de-ferro, até que seus ardores fossem acalmados.

Bola de Sebo recebeu apelos, exortações, invocações e convocações, em nome de Deus, Pátria e Família. Os passageiros queriam dela um sacrifício que, ao fim das contas, nada mais era do que uma prestação profissional de serviços. Diante de suas lágrimas de resistência, nojo e cólera, desfiaram todo um rosário de edificante — e dulçorora — retórica, destinada a induzi-la à pulhice. Afinal, com uma pureza de virgem mártir, a pobre mulher capitulou. A viagem seguiu ao amanhecer. E ninguém — literalmente ninguém — olhou mais para ela, ou lhe dirigiu a palavra.

O povo brasileiro foi usado e traído pelo Governo, com uma desfaçatez que causa cólera — e assombro. A fala presidencial, depois do desastre, foi pior que o soneto. Não é verdade que a inflação, de março até agora, se limite aos proclamados 10%. Não é verdade que a reforma agrária esteja sendo realizada com decência. Não é verdade que o Cruzado II signifique resistência ao FMI e à grande finança internacional.

Restam a CUT, a CGT, a luta do povo pobre, a serviço do Brasil.